

Editorial

A QUEM INTERESSA?

A lei anterior, da época da ditadura, não fazia distinção entre o usuário e o traficante de drogas. Em 2006, o Estado democrático de direito decidiu aliviar a pena de um e aumentar a de outro. Não adiantou.

A Lei de Drogas está fazendo dez anos e, apesar de estabelecer a diferença, continua prendendo cada vez mais, muito em razão de que a criminalidade avança celeremente no país e o tráfico contribui com parte substancial.

As cadeias estão superlotadas. O país é o quarto que mais prende. Enquanto a média mundial por 100 mil habitantes é de 144 presos, no Brasil ela é de 300 detentos. E o tráfico é o que mais leva gente para a cadeia.

Em Minas, 33% da população carcerária procede do tráfico de drogas. Em 2005, eles eram 3.237. Em 2016, já são 21.407. O aumento foi de 561%. A maioria deles é constituída de jovens, negros e pobres.

A interpretação da lei é subjetiva, e os juízes mandam para a cadeia gente, nas periferias das cidades, que está na ponta do tráfico, às vezes para sustentar o próprio vício. As redes de tráfico não são desmanchadas.

Enquanto uma tonelada de droga é apreendida, outras dez entram no país. O tráfico está presente nos menores municípios. As organizações criminosas exibem sua força nas comunidades e para a própria polícia.

Se o tráfico aumenta, é porque existe demanda. Trata-se de um negócio próspero e que emprega muitos braços. Em dez anos, o número de mulheres empregadas no tráfico subiu 427%. O de homens, 573%.

O negócio, porém, é perigoso. Responde pela maioria dos homicídios de jovens. Na capital, enquanto, de janeiro até agora, morreram 33 pessoas por overdose, houve 341 homicídios, 60% deles relacionados ao tráfico.

A Lei de Drogas não só é ineficiente, mas é prejudicial. Seu custo social é uma tragédia. Como afeta a parte mais desassistida da população, ninguém se preocupou, até hoje, em encontrar uma solução para o problema.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

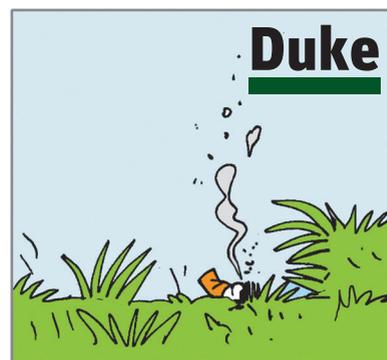
Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Será que conseguimos expurgar o jaguncismo da política brasileira?

Em 2015 foi a política que saiu perdendo; em 2016, o povo e o país

A resposta não é fácil, embora tenha sido cassado, recentemente, em 12.9.2016, o mandato do deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que presidiu a Câmara dos Deputados de 1º de fevereiro de 2015 até renunciar ao cargo, em 7 de julho de 2016. Ele é a figura mais escancarada do jaguncismo da política brasileira: lobista e evangélico fundamentalista, aspirava tornar o Brasil uma teocracia neopentecostal.

Desde a eleição do atual Congresso Nacional, o diretor de Documentação do Diap, Antônio Augusto, cantou a pedra: "São sérios os riscos de retrocessos em relação aos direitos civis e à legislação trabalhista", pois o Congresso eleito em 2014 era o mais conservador desde o fim da ditadura de 1964 – mais do que suficiente para dar o ar de trevas que nada tem a dever à jagunçagem!

Vivenciamos até agora uma explosão de ódio fascista ao povo e a suas conquistas políticas e sociais; aos partidos de esquerda e a suas lideranças; ao país, via pautas neocolonialistas – dilapidação das riquezas nacionais – de interesse da burguesia local e internacional!

Eduardo Cunha "pintou e bordou" no período no qual presidiu a Câmara dos Deputados. Parecia ter poderes ilimitados e posava de presidente da República. Não apenas encaminhou projetos de lei contra os direitos trabalhistas, como defendia o machismo e a misoginia e se posicionava contra qualquer proposta civilizatória de conferir direitos a pessoas discriminadas.

Ele logrou êxitos inclusive no pleito de colocar na Presidência da República o PMDB ao arripio do voto popular. A esquerda mundial considera que Dil-

ma Rousseff foi vítima de um golpe jurídico, parlamentar, além de midiático, misógino e elitista, já que contra a deposição não conseguiram provar absolutamente nada!

O caso Eduardo Cunha demonstra por que um expressivo número de políticos gasta rios de dinheiro para se eleger aos parlamentos municipais e estaduais e ao Congresso Nacional (deputados federais e senadores), quando o salário nominal de um parlamentar durante uma legislatura é insuficiente para cobrir as despesas de sua eleição. É que, para a maio-

Cunha é Hermógenes puro, um chefe jagunço de "Grande Sertão: Veredas", que nem sequer respeitava as leis da jagunçagem, como disse Riobaldo

ria deles, sobretudo os de extração conservadora e direitista, o mandato só tem uma serventia: ser um balcão de negócios escusos, numa cultura de bonificações e patrimonialismo, em que sociopatas transitam em todas as esferas!

Especialistas dizem que "as sociopatas – grosso modo: personalidade antissocial – atingem de 1% a 3% da população. Mas nos meios políticos pode chegar a 6%. São pessoas ávidas por poder e buscam-no, de qualquer jeito! Onde há corrupção, que é uma doença social, ela é feita por quem porta transtornos de personalidade de inegável caráter antissocial, ou narcísico, ou 'borderline'. Sociopatas não são doentes, portam personalidades

bandidas que podem chegar ao banditismo" (Oliveira, Fátima. "Sociopatia & poder", 15.5.2006).

"Pra quem sabe ler, um pingo é letra": após Eduardo Cunha se aboletar na presidência da Câmara dos Deputados, escrevi que ele seria um Severino Cavalcanti (2005) piorado e mais virulento. Se Severino Cavalcanti era um paspalhão desde o olhar, Cunha é puro Hermógenes, um chefe jagunço de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, que nem sequer respeitava as normas/leis da jagunçagem, como disse Riobaldo Tatarana: "O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado" (Oliveira, Fátima. "Uma república democrática e laica sob o sistema jagunço", O TEMPO, 17.2.2015).

Como em 2005, em 2015 foi a política que saiu perdendo e, em 2016, o povo e o país.

DUKE

